

“ENTRE O CHÃO ENCONTRADO E O CHÃO PERDIDO”

Estive em Lisboa e lembrei de você, de Luiz Ruffato

“ENTRE UNE TERRE TROUVÉE ET UNE TERRE PERDUE”:
ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ, DE LUIZ RUFFATO

Rita Olivieri-Godet*

Université Rennes 2 / ERIMIT

Equipe de Recherches Interlangues “Mémoires, Identités, Territoires”

RESUMO

Nas duas últimas décadas do século 20, a recessão e a crise provocaram um fenômeno de emigração nunca visto no Brasil. *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, flagra esse momento, explorando os aspectos socioeconômicos e culturais dos processos migratórios e o imaginário que os alimenta. Nosso estudo pretende discutir as modalidades de representação das migrações, examinando questões relacionadas com a alteridade e as mobilidades territoriais e textuais, nesse romance que coloca em cena “o retorno das caravelas” – os novos deslocamentos territoriais do Brasil e da África para Portugal.

PALAVRAS-CHAVE

Migrações, alteridade, Luiz Ruffato

Na literatura brasileira, a temática das migrações é recorrente tanto no que diz respeito às migrações internas quanto no que concerne à figura do imigrante que adquire uma relevância especial na produção literária a partir dos anos 80. O contexto pós-moderno da globalização gerou novas experiências de deslocamentos, impulsionando um fenômeno, até então insignificante no Brasil, o da emigração de indivíduos em busca de melhores condições de vida no estrangeiro, temática que a produção literária atual começa a explorar. Interessa-nos neste trabalho interrogar a representação das novas experiências de deslocamentos, inseridas no contexto pós-moderno da globalização, através da produção simbólica literária, realizando uma leitura do romance *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009) do escritor brasileiro Luiz Ruffato.

Estudos recentes¹ têm se dedicado a examinar os itinerários cruzados entre Europa, América e África, dando ênfase à reconstrução da experiência histórica compartilhada

* rgodet@9online.fr

¹ Ver a obra do historiador Felipe de Alencastro, *O trato dos viventes*.

que aponta para a existência de um espaço econômico, social e cultural comum. A leitura do romance de Ruffato faz emergir aspectos relacionados com as mobilidades literárias entre Brasil, Portugal e os países africanos de língua portuguesa. É notório que os processos de construção dos sistemas literários brasileiro e dos países africanos de língua oficial portuguesa não apagaram a memória literária comum, nem impediram que as inter-relações continuassem se processando durante todos esses séculos. Assim é que a vivência do contexto violento das guerras de independência dos países africanos será tomada como matéria literária tanto pelos escritores portugueses contemporâneos como pelos escritores africanos imbuídos da missão de construir uma identidade cultural própria, buscando no universo brasileiro elementos de inspiração para trilhar esse caminho.² A partir do final da década de 1970, o que se constata é uma intensificação do entrelaçamento de experiências e de imaginários na produção ficcional e poética do espaço cultural de língua portuguesa. *Estive em Lisboa e lembrei de você* ilustra bem essa tendência.

Na visão de Luiz Ruffato, o Brasil é um país de deslocamentos humanos cuja história se confunde com a dos imigrantes pobres: os portugueses pobres, os negros arrancados da África, os imigrantes europeus do final do século 19, os migrantes nordestinos e do interior de Minas transplantados para São Paulo e Rio e os gaúchos para Rondônia.³ O romance de Luiz Ruffato flagra uma nova etapa na história econômica do Brasil, na qual o país emerge como fornecedor de mão de obra barata no contexto da economia globalizada, fenômeno bastante acentuado entre o final da década de 1980 e o início do século 21. Esse processo que inaugura uma inversão perversa do mito do Eldorado transforma Portugal num lugar atraente para brasileiros e africanos pobres, vítimas da ação do capitalismo financeiro em países periféricos. Para a população periférica de desempregados e excluídos do Brasil e da África lusófona, Portugal passa a representar a possibilidade de ascensão social e de acesso ao trabalho e à cidadania. Nos dias atuais, início da década de 2010, o desenvolvimento econômico do Brasil inverte mais uma vez essa tendência, atraindo de volta os brasileiros que emigraram além de estrangeiros desempregados, vítimas da crise que assola a Europa.

Os romances ruffatianos contêm uma reflexão sobre as transformações sofridas pelo Brasil a partir de 1950, até o momento presente, tecendo teias entre as trajetórias pessoais de personagens oriundos do interior mineiro e a evolução socioeconômica e política do país. Inspira-se na realidade de sua Cataguases natal, cidade do interior de Minas Gerais, inserida num espaço regional marcado por referentes culturais e identitários ligados ao mundo rural que passou pelas transformações impostas pelo processo de industrialização. Discute a tensão entre o local e o global tecendo teias entre a trajetória individual de seus personagens e o contexto socioeconômico, debruçando-se sobre trajetórias migrantes de seres deslocados, transplantados do espaço regional para o espaço cosmopolita das grandes cidades do país, como São Paulo e Rio de Janeiro. A obra de Ruffato é povoada

² Sobre o papel que a literatura brasileira desempenhou como fonte inspiradora de intelectuais e segmentos populares dos países africanos de língua portuguesa, remeto ao texto de CHAVES, 2005. O Brasil na cena literária dos países africanos de língua portuguesa.

³ STOENESCO. *Histoires individuelles et histoire collective. Esthétique et éthique dans *Eles eram muitos cavalos**, de Luiz Ruffato, p. 272.

de personagens operárias, através das quais são retratadas as transformações econômicas e as migrações para as grandes cidades brasileiras.

Em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, esse espaço cosmopolita é, pela primeira vez, representado fora das fronteiras nacionais com a clara intenção de refletir sobre as consequências nefastas da economia globalizada sobre o indivíduo. Para escrever o romance, o autor, que já conhecia bem Lisboa, a escolhe como “cidade-laboratório”, aí vivendo durante um mês. Um dos motivos de ter escolhido Lisboa se deve ao fato de já ter tido contato com imigrantes brasileiros em Portugal, como revela numa entrevista, acrescentando que “o paralelo entre a imigração para o exterior e a imigração interna brasileira me interessava como ponto de partida para a ficção”.⁴

Estive em Lisboa e lembrei de você encena os conflitos, aos quais o sujeito migrante está exposto, decorrentes do processo de desterritorialização física e cultural, interrogando, assim, as relações com o espaço, as novas modalidades intersubjetivas, inclusive no que se refere ao sentimento de pertencimento. O personagem principal, Serginho, é prisioneiro de uma lógica antagonista entre um *aqui* (Portugal para onde emigra) e um *lá* (Brasil, país de origem) que o desconhecimento de determinados códigos sociais e linguísticos exacerba. O que se encena é a solidão e o desencanto de um brasileiro do interior mineiro que emigra para Lisboa, na esperança de melhorar de vida.

O título da obra cria uma falsa expectativa no leitor, levando-o a imaginar um relato de entretenimento que evoca um deslocamento prazeroso, um passeio turístico pelas ruas da ensolarada e bela Lisboa. Mas o que se lê é o desespero das vítimas das novas formas de exploração e de escravatura, enredados no labirinto de uma urbe monstruosa que, como qualquer outra metrópole, alimenta-se da desestruturação dos indivíduos desvalidos. Os itinerários cruzados dos personagens imigrantes do romance, brasileiros e africanos em Portugal, portugueses no Brasil, apontam para uma mesma história: é a miséria que os expulsa dos seus países, alimentados pela quimera da ascensão social através do trabalho no país que os acolhe. O romance expõe a precariedade dessa horda de imigrantes, vítimas da nova ordem mundial que fabrica os sonhos de consumo que os escraviza. Assim procedendo, desnuda o mito que alimenta os processos migratórios, imaginados como experiências provisórias: o de ganhar dinheiro no estrangeiro para retornar como vencedor ao país natal.

Contrariamente ao premiado *eles eram muitos cavalos* (2001), romance fragmentado composto de micronarrativas que encenam os dramas de personagens diversos e anônimos da metrópole paulistana, multiplicando vozes e pontos de vista, o relato do narrador-protagonista da trama romanesca de *Estive em Lisboa e lembrei de você*, Sérgio de Souza Sampaio, estrutura-se em torno de um monólogo, “um depoimento minimamente editado”, como se pode ver na nota de apresentação do texto. Tal nota preenche a função de um prefácio autoral, na qual o autor nega a autoria e assume o papel de simples transcritor. O relato está estruturado em duas partes. A primeira, “Como parei de fumar”, transporta-nos para o universo microscópico do cotidiano da cidade mineira do interior, focado na vida absolutamente anódina de Serginho, funcionário da Seção de Pagadoria da Companhia Industrial de Cataguases que passa seu tempo entre peladas, cervejas e

⁴ Disponível em: <<http://www.quintaldosfundos.com.br/2011/06/entrevista-luiz-ruffato>>. Acesso em: 5 maio 2011.

namoros. Termina engravidando Noemi e sendo obrigado a casar e ter o filho. Durante a convivência com Noemi, descobre que a mulher sofre de desequilíbrio mental. Sua vida começa a degradingolar: separa-se da mulher, perde a mãe e o emprego e começa a sonhar em ganhar a vida no estrangeiro. Em conversa com Seu Oliveira, imigrante português no Brasil, este o aconselha:

“O caminho é Portugal”, e, diante da admirada plateia, decantou as maravilhas do país pra onde todo mundo estava seguindo, e, que, se mais novo, até ele mesmo voltava, “O momento é de reconstrução”, dinheiro não é problema, falta mão-de-obra, e os portugueses andam assoberbados, “Escolhendo serviço”, e sobram oportunidades pros brasileiros e pros pretos (que é como eles chamam as *peessoas de cor*).⁵

A segunda parte, “Como voltei a fumar”, centra-se na vida de imigrante de Serginho em Lisboa que se alimenta do objetivo de “trabalhar firme por um tempo, ganhar bastante dinheiro e voltar para o Brasil, comprar uns imóveis, viver de renda”.⁶ O mito do trabalho como fonte de riqueza para o imigrante é desconstruído pelo romance, que vai acumulando as experiências negativas de Serginho, explorado e ludibriado até mesmo pelos seus compatriotas, vítima de uma engrenagem de exclusão extremamente violenta.

O que está em jogo no romance é o questionamento da experiência da migração nos seus aspectos sociais, desmontando o mito do trabalho como elemento de legitimação do fenômeno migratório. A narrativa também vai dar lugar à discussão sobre as formas de “habitabilidade psíquica” presentes no processo migratório.⁷ Toma como ponto de partida o sentido de migração que releva do campo social, conforme definição inscrita no *Dicionário Houaiss* referindo-se “à movimentação de entrada (imigração) ou saída (emigração) de indivíduo ou grupo de indivíduos, geralmente em busca de melhores condições de vida,”⁸ embora explore também os aspectos subjetivos do processo, referindo-se aos traumas das metamorfoses identitárias e à necessidade de habitabilidade territorial e psíquica do sujeito.⁹

Observa-se que existe uma convergência entre a leitura que Ruffato realiza do processo migratório e trabalhos recentes sobre esse fenômeno. No campo da sociologia, a obra de Abdelmalek Sayad, *L’immigration ou les paradoxes de l’altérité. L’illusion du provisoire* (2006), mostra como o trabalho legitima o fenômeno migratório, representado como provisório, tanto do ponto de vista da sociedade que acolhe o imigrante como do ponto de vista da sociedade de origem. Segundo esse autor, o fenômeno migratório só pode ser entendido se for levado em conta que a imigração numa sociedade corresponde sempre uma emigração fora de outra sociedade: a partida está sempre associada ao retorno. O emigrante-imigrante encontra-se assim diante da dificuldade de construir sua relação com o “lugar habitado” que se apresenta como provisório.

⁵ RUFFATO. *Estive em Lisboa e lembrei de você*, p. 25-26.

⁶ RUFFATO. *Estive em Lisboa e lembrei de você*, p. 40.

⁷ Em *Les passages obligés de l’écriture migrante*, Simon Harel reflete sobre as formas de habitabilidade psíquicas presentes no processo migratório.

⁸ HOUAISS; VILLAR. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

⁹ Sobre os aspectos sociais e subjetivos dos processos migratórios, ver o artigo de GODET. *Errância/migrância/migração*, p. 189-209.

Nos romances de Ruffato, a condição de migrante corresponde à “condição de indivíduo subalterno que o migrante carrega consigo para o Rio de Janeiro ou São Paulo”, e da qual ele busca se libertar. Trata-se de uma visão disfórica dos deslocamentos, que, como observa Giovanna Dealtry, insiste na ideia do não pertencimento, diferente do “sujeito transculturado, habitante das ficções contemporâneas e que é capaz de se enxergar como alguém construído a partir de um hibridismo cultural”.¹⁰ O Serginho de *Estive em Lisboa e lembrei de você* é um sujeito deslocado, desprovido de lugar no espaço social, oprimido pela necessidade premente de construir sua relação com uma cidade cujos códigos ele não domina:

(...) e insistiu em mostrar um pouquinho daquela parte da cidade, e caminhamos, o vento frio uma gilete, ele apontava um prédio, uma paisagem, um beco, e explicava, mas eu não entendia quase nada, ele na frente, o rosto embrulhado num cachecol, as palavras saíam abafadas, se perdiam, eu, atrás, ouvia apenas “Aqui é o”, “Lá embaixo, está vendo?, é a”, “O povo daqui é”, “Você tem que tomar cuidado com”, “Olha o”.¹¹

Então, pra fazer hora, zanzei ao léu da rua da Rosa ao Elevador da Bica, desci a rua do Loreto esbarrando num e noutro rumo à praça Camões, invejoso admirei de longe a turistada ao largo do Chiado, aformosados, numa algazarra de coleirinhos em viveiro, e, desgostoso, subi pela calçada estreita da rua da Misericórdia até estacar, repentino, na frente da igreja de São Roque, uma aflição no peito, uma mágoa empedrada (...).¹²

Atraído pelo canto da sereia de “Lisboa, a Magnífica”, como milhares de outros imigrantes oriundos das ex-colônias portuguesas, o personagem, que nunca tinha saído de Cataguases, se defronta com a realidade de uma metrópole excludente e desagregadora inserida na lógica da economia globalizada, que enfrenta os problemas gerados pelo intenso fluxo migratório. Essa leitura disfórica dos deslocamentos da pós-modernidade globalizada vem anunciada nas epígrafes escolhidas pelo romance que refletem sobre as relações entre migração e alteridade. Elas anunciam as mobilidades territoriais e textuais entre Brasil, Portugal e África evocadas no texto.

A primeira delas cita uma estrofe da música “Lisboa, a Magnífica”, da banda de rock portuguesa Xutos e Pontapés,¹³ uma espécie de canção de exílio às avessas: “Sem me lembrar / De ti eu vivo / Em Lisboa / A Magnífica.” Aqui coloca-se em evidência o desejo de apagamento da memória da origem. O diálogo com outras linguagens – musical, cinematográfica, televisiva – sempre foi uma constante no processo de criação de Ruffato. A letra da música aponta para o processo radical de transformação da cidade, “onde crescem prédios / em lugares sem nome / No Bloco C / Na Rua H”. Os Xutos e Pontapés exploram temática semelhante numa outra música que nos vem à memória, “Sangue da cidade”: “Algumas considerações sobre a capital / Que já foi do império, hoje é de Portugal”, explorando

¹⁰ DEALTRY. Cidades em ruínas: a história a contrapelo em *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato, p. 214-215.

¹¹ RUFFATO. *Estive em Lisboa e lembrei de você*, p. 47.

¹² RUFFATO. *Estive em Lisboa e lembrei de você*, p. 53.

¹³ O Sol nasce / No sítio do costume / E crescem prédios / Em lugares sem nome / No Bloco C / Na Rua H / No 2º andar / Dizemos adeus / Até ao jantar / Em Lisboa / Adeus / Lá vou eu / Já o sol vai alto / Eu entrei em Lisboa / A Magnífica / Sem me lembrar / De ti eu vivo / Em Lisboa / A Magnífica. “Lisboa, a Magnífica”, Xutos e Pontapés.

imagens da cidade através do olhar de um estrangeiro que tem consciência do seu não pertencimento: “Mas eu não sou daqui / Eu não sou daqui / Eu não sou daqui / Eu não sou de cá.” Ambas refletem o mal-estar do sujeito, seja no esforço para apagar a origem deixando-se levar pelas imagens de Lisboa, a Magnífica, ou pela resistência a essas imagens capturadas pelos turistas.

A segunda epígrafe reproduz o belíssimo poema “Brasil onde vivi, Brasil onde penei”, de autoria de Miguel Torga (1907-1995), que com apenas 13 anos emigrou para o Brasil para trabalhar na fazenda de um tio no interior de Minas Gerais. Destino semelhante teve outro grande escritor português, Ferreira de Castro (1898), que aos 12 anos foi empregado do seringal Paraíso, situado às margens do rio Madeira, experiência recriada no seu romance *A selva*, à qual o escritor Milton Hatoum faz alusão em *Orfãos do Eldorado* (2008). Esses cruzamentos de referências apontam para a situação de extrema precariedade material comum às experiências de migração, que têm sua origem no fator econômico. O poema de Torga projeta ainda a situação ambivalente do sujeito imigrante, vivida como experiência dilaceradora: “Ah, desterro do rosto em cada face, / Tristeza dum regaço repartido! / Antes o desespero naufragasse / Entre o chão encontrado e o chão perdido.” Se a experiência das fronteiras culturais é positivamente marcada em narrativas da pós-modernidade, Ruffato, ao escolher um poema no qual o sujeito poético se sente desestabilizado pelas suas múltiplas referências, alia-se a uma perspectiva mais próxima do espírito da modernidade, para o qual, como bem observa Zilá Bernd, relendo Patrick Imbert, a relação território e deslocamento são percebidos como polos antitéticos.

Como Miguel Torga, Luís Ruffato, filho de uma lavadeira de origem italiana com um pipoqueiro, também foi levado a emigrar. Sem cairmos em armadilhas deterministas, mas também sem fecharmos os olhos para elementos da experiência de vida do autor que contribuíram para formatar sua visão de mundo, podemos ler a declaração de Ruffato sobre sua identificação com o personagem Serginho, como um engajamento ético em favor de um questionamento do capitalismo neoliberal, tomando por base o ponto de vista do trabalhador pobre e periférico:

O protagonista Serginho é, se assim podemos dizer, uma figura típica do interior mineiro, e, assim como você, de Cataguases. Ruffato carrega um pouco deste personagem? Em qual aspecto?

Eu entendo o Serginho porque também sou imigrante, ou seja, também sou um sujeito pobre, que veio para a cidade grande, no meu caso, São Paulo, tentar melhorar de vida, e aqui passou por dificuldades, as mais diversas, desde aquelas de caráter objetivo, como não ter onde morar ou não saber se terá dinheiro para almoçar no dia seguinte, até aquelas de caráter mais subjetivo, como passar por humilhações por não deter determinados códigos sociais, que vão desde o sotaque que a gente carrega até a falta de malícia. E isso, evidentemente, nos faz conviver de perto com a solidão, com a melancolia, e nos torna, ao longo dos tempos, pessoas mais duras no trato, mais desencantadas, mais desiludidas.¹⁴

O fim das ilusões produz, segundo algumas resenhas críticas, um romance sobre o fracasso:¹⁵ “É ilusão Serginho’, pura ilusão imaginar que uma hora a gente volta pra nossa

¹⁴ Entrevista com Luiz Ruffato disponível em: <<http://www.pop4.com.br/951-estive-em-lisboa-e-lembrei-de-voce-confira-entrevista-com-luiz-ruffato.html>>. Acesso em: 5 maio 2011.

¹⁵ A resenha de Ronald Augusto está disponível no site <www.poesia-pau.blogspot.com> .

terra, ‘Volta nada’, a precisão drena os recursos.”¹⁶ A ilusão do provisório, à qual se refere Abdelmalek Sayad, evidencia o deslocamento do imigrante, seu lugar bastardo, “na fronteira do ser e do não-ser social”.¹⁷ A narrativa abandona Serginho à sua própria sorte, “pés e mãos atados”: desempregado, sem documento, vítima da máfia de passaportes, Serginho é mais um pobre-diabo que vai engrossar as fileiras da babel de raças, cores e línguas.

A visão predominantemente disfórica que emerge do romance revela as dificuldades dos itinerários cruzados entre Europa, América e África, no contexto histórico no qual estão inseridos. Não impede, no entanto, de projetar a existência de um espaço cultural compartilhado. Embora centrado no processo de espoliação dos imigrantes, o romance não ignora que, ainda que traumática, a experiência desses indivíduos é inseparável do fenômeno de “atualização do estoque de referências no âmbito de uma interferência contínua com outros grupos culturais”.¹⁸ Dessa forma, o contato com outros referentes culturais termina por favorecer a recomposição identitária. Para representar essa possibilidade de abertura para o diálogo com o outro, a narrativa ruffatiana elege os itinerários cruzados da língua portuguesa como espaço interativo privilegiado. Com o passar dos anos, “entre o chão encontrado e o chão perdido”, o personagem vai mesclando ao seu falar mineiro expressões do português europeu e africano, construindo uma língua híbrida, saborosa, roçando caetanamente a língua de Camões e a língua “dos pretos”. Poderíamos ler esse processo de apropriação linguística “muito legal”, “bué da fiche”, como um espaço que se abre à fluidez das fronteiras, potencialmente capaz de contribuir para a habitabilidade psíquica do sujeito. O simbolismo dessa nova identidade linguística compósita assinala a criação de passarelas interculturais que permitem compartilhar imaginários e visões de mundo. Pelo viés da interculturalidade, o discurso literário revela sua postura ética e utópica ao mesmo tempo que sua faceta realista escancara a precariedade do sujeito e a ausência de relações humanas inclusivas.



R É S U M É

Entre une terre trouvée et une terre perdue Pendant les deux dernières décennies du XX^e siècle, la récession et la crise ont engendré un phénomène d’émigration sans précédent au Brésil. *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, capte ce moment tout en explorant certains aspects socio-économiques et culturels des processus migratoires ainsi que l’imaginaire qui les nourrit. Notre étude discute les modalités de représentation des migrations, en examinant les questions qui ont rapport à l’altérité et aux mobilités territoriales et textuelles, dans ce roman qui met en scène “le retour des caravelles” – les nouveaux déplacements territoriaux du Brésil et de l’Afrique vers le Portugal.

¹⁶ RUFFATO. *Estive em Lisboa e lembrei de você*, p. 79.

¹⁷ Cito Abdelmalek Sayad, que afirma que o imigrante é *atopos*, “sem lugar”, “deslocado”, “inclassificável”. SAYAD. *L’immigration ou les paradoxes de l’altérité*. 1 L’illusion du provisoire, p. 13.

¹⁸ OUELLET. *Le soi et l’autre*. L’énonciation de l’identité dans les contextes interculturels p. 443.

MOTS-CLÉS

Migrations, altérité, Luiz Ruffato

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Felipe. *O trato dos viventes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BERND, Zilá. Figurações do deslocamento nas literaturas das Américas. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n, 30, p. 89-97, jul./dez. 2007.
- CHAVES, Rita. *O Brasil na cena literária dos países africanos de língua portuguesa, Angola e Moçambique*. Experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- DEALTRY, Giovanna. Cidades em ruínas: a história a contrapelo em *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 34. *Campo literário*, Brasília, p. 209-221, jul./dez. 2009.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- GODET, Rita Olivieri. Errância/migrância/migração. In: BERND Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Litteralis, 2010. p. 189-209.
- HAREL, Simon. *Les passages obligés de l'écriture migrante*. Montréal: XYZ, 2005.
- HARRISON, Marguerite Itamar (Org.). *Uma cidade em camadas*. Ensaio sobre o romance *eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. Vinhedo-SP: Horizonte, 2007.
- OUELLET, Pierre. *Le soi et l'autre*. L'énonciation de l'identité dans les contextes interculturels. Québec: Laval, 2003.
- RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- SAYAD, Abdelmalek. *L'immigration ou les paradoxes de l'altérité*. 1 L'illusion du provisoire. Paris: Raison d'Agir, 2006.
- STOENESCO, Dominique. Histoires individuelles et histoire collective. Esthétique et éthique dans *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. In: GODET, Rita Olivieri (Dir.). *Ecriture et identités dans la nouvelle fiction romanesque*. Rennes: PUR, 2010. p. 269-281.
- VILLARINO PARDO, Carmen. Eles eram muitos cavalos no(s) processos de profissionalização de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerite Itamar (Org.). *Uma cidade em camadas*. Ensaio sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. Vinhedo, SP: Horizonte, 2007. p. 155-187.